

ÓBITOS EM CRIANÇAS MENORES DE QUATRO ANOS DIAGNOSTICADAS COM MENINGITE NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS NO PARANÁ

Jennifer Martins Pereira¹; Andressa Aya Ohta²; Laura Akemi Storer Makita³; Herbert Leopoldo de Freitas Goes⁴.

¹Graduanda de Enfermagem, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná;

²Enfermeira, mestranda de Enfermagem, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná; ³Enfermeira, doutoranda de Enfermagem, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná; ⁴Enfermeiro, professor Dr. em Ciências, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná.

DOI: 10.47094/IIICNNESP.2022/96

PALAVRAS-CHAVE: Epidemiologia; Meningite e Saúde da Criança.

ÁREA TEMÁTICA: Epidemiologia

INTRODUÇÃO

A meningite é uma doença sintomática, que frequentemente leva a óbito, podendo ser em até vinte quatro horas. A doença possui caráter infeccioso, normalmente causada pela bactéria *Neisseria meningitidis*, atingindo principalmente as meninges, que são as membranas que recobrem o cérebro, podendo lesionar o mesmo que é o principal transmissor de informação do corpo humano, dificultando e afetando o transporte do oxigênio, mas pode ser ocasionada por outros vírus, fungos ou bactérias (TEIXEIRA *et al.*, 2019).

O paciente com suspeita da doença, necessita que sejam recolhidos exames no momento da admissão, para depois ser investigado a etiologia mais a fundo. O principal exame que detecta e traz o diagnóstico é o exame do líquido, que é um líquido presente entre as membranas, correspondendo a cerca de 80% das demais células, também podendo ser realizado o teste Gram, cultura positiva, hiperproteínoorraquia e hipoglicorraquia (BRANCO; AMORETTI; TASKER, 2007).

Estudos trazem que a gravidade da doença é maior em crianças, devido à grande possibilidade de evoluírem para ao óbito, por tanto é essencial a identificação precocemente da doença para que ocorram menores danos e tratamento precoce. Outra questão importante é o fato de ser uma doença conhecida, porém pouco discutida seja dentro ou fora do nosso país, fazendo-nos refletir sobre o quanto é importante reunir esforços para a detecção de uma forma mais rápida e eficaz para o seu diagnóstico. Um fator fundamental é uma atuação da equipe multidisciplinar para a melhora desses pacientes, para um atendimento integral e que negligências sejam evitadas (ANTONIUK *et al.*, 2011).

O conhecimento do diagnóstico de forma precoce, traz o retardamento dos dados futuros e início do tratamento de forma mais breve. Análises abordam que cerca de 5% a 40% crianças morreram pela doença, sendo um número bem alto, essas crianças detectadas em estudos tinham entre três a quatro anos de idade, além de chegar até 30% pacientes com sequelas causadas pela meningite (MANTESE *et al.*, 2002). Objetivamos analisar o número de óbitos por meningite que ocorreram nos últimos cinco anos, no estado do Paraná em crianças menores de quatro anos de idade.

METODOLOGIA

Tratou-se de um estudo epidemiológico, com abordagem quantitativa, referente ao número de óbitos de crianças menores de quatro anos, diagnosticadas com meningite, no Estado do Paraná entre os anos de 2018 a 2022. Foram utilizadas e selecionadas como critérios de inclusão, crianças menores de um ano de idade a quatro anos, casos

que evoluíram a óbito, sexo feminino e masculino. Os dados foram analisados por meio de estatística simples, os resultados obtidos são referentes às notificações retiradas da plataforma de domínio público Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), por este motivo não foi necessário a aprovação do comitê de ética.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram analisadas um total de 53 notificações, dos últimos cinco anos. Destaca-se que o número de meninos que vieram a falecer foi de 35, sendo cerca de 66,03%, já as meninas foram a metade chegando a 18, o que é referente a 33,96% dos casos evidenciados. Os estudos mostram que o sexo masculino é o mais acometido para depois ser investigada a etiologia mais a fundo evoluíram para ao óbito. Um fator fundamental é a atuação 5% a 40% das crianças morreram, uma vez que a doença na maioria das vezes se transforma na forma grave da infecção, sendo fulminante, levando essas crianças a falecer mesmo poucas horas (AGUIAR *et al.*, 2022).

Os dados presentes também mostram que nos anos de 2018 e 2019, obteve maior porção das notificações, chegando a 75,46%, portanto mais da metade do valor absoluto dos dados encontrados. Na análise se observou que os anos de 2020, 2021 e 2022, foram extremamente menores em casos diagnosticados com meningite e que evoluíram a óbito, sendo o todo somente 24,52%. As informações foram realizadas em junho de 2022, até o momento sem nenhum caso registrado no ano.

É notório a importância sobre a conscientização da doença pelo coronavírus devido ao contato, sobre o meio de transmissão e medidas de prevenção, isso se apresenta nos dados acima. Ademais, devido à pandemia que estamos passando, pelo o coronavírus, mostrou a importância da higiene das mãos, medidas de proteção individual, o que acabou de certa forma ajudando para que não acontecesse a transmissão de demais doenças, pois a meningite pode ser ocasionada tanto, por bactéria, fungo e vírus. Essa baixa epidemiológica da meningite ocorreu nos anos que a pandemia veio a se instalar no país (BRASIL, 2017).

CONCLUSÃO

O fato importante é que a meningite é uma doença infecciosa, causada principalmente através da transmissão de um indivíduo que esteja infectado para outro, normalmente por bactérias (meningite meningocócica). As crianças são mais propensas, devido o contato com as demais crianças e falta de disciplina com as medidas de higiene, o que é um dos parâmetros para ajudar a prevenir a transmissão. Ademais, devido a pandemia causada pela Covid-19 e que ainda estamos passando, uma das abordagens determinadas, foi por um período o isolamento social, a ênfase das medidas e a importância da higiene para não transmitir o vírus. Porém, com isso conseguimos além da Covid-19, prevenir outras doenças com medidas simples. Na análise se observou que os anos de pandemia sendo, 2020, 2021 e 2022, foram drasticamente menores em casos diagnosticados com meningite do que anos anteriores sem essa epidemia mundial.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

AGUIAR, T. S. *et al.* **Perfil epidemiológico da meningite no Brasil, com base nos dados provenientes do DataSUS nos anos de 2020 e 2021**. Research, Society and Development, v. 11, n. 3, p. e50811327016, 3 mar. 2022.

ANTONIUK, S. A. *et al.* **Childhood acute bacterial meningitis: risk factors for acute neurological complications and neurological sequelae**. *Jornal de Pediatria*, v. 87, n. 6, p. 535–40, 18 out. 2011.

BRANCO, R. G.; AMORETTI, C. F.; TASKER, R. C. **Doença meningocócica e meningite**. *Jornal de Pediatria*, v. 83, n. 2, maio 2007.

MANTESE, O. C. *et al.* **Perfil etiológico das meningites bacterianas em crianças.** *Jornal de Pediatria*, v. 78, n. 6, dez. 2002.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Guia de Vigilância em Saúde, nº 1.** Brasília/DF: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_vigilancia_saude_volume_1.pdf. Acesso em: 08.Jun.2022.

TEIXEIRA, A. B. *et al.* **Meningite bacteriana: uma atualização.** *Rev. bras. anal. clin.*, p. 327–329, 2019.